

## DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: A CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

*Diversity of brazilian portuguese language: the nominal acceptance in  
portuguese spoken in Brazil*

*Lília Soares Miranda\**

**RESUMO:** A língua portuguesa do Brasil apresenta mecanismos de flexão de gênero, de número e de pessoa; de acordo com a Gramática Tradicional, a sintaxe de concordância faz com que determinadas palavras se harmonizem, nas suas flexões, com as palavras de que dependem na frase. Segundo Cunha & Cintra (1985), a concordância nominal ocorre quando há harmonia das palavras com os substantivos aos quais se vinculam, porém, ao lado da presença de concordância nominal de número, o português falado no Brasil apresenta casos em que essa concordância deixa de ser feita – ou seja, no PB, há evidências da ausência de concordância nominal de número, que vem sendo objeto de estudos sociolinguísticos. Dentre os quais merecem destaque os de: Scherre (1996) analisa dados do Rio de Janeiro/RJ; Carvalho (1997) que busca verificar a concordância de número no SN na língua falada, na área urbana de Rio Branco, no Acre; Andrade (2003) analisa dados de informantes de Tubarão, Sul de Santa Catarina, e de São Borja, Rio Grande do Sul; Santos (2010) que analisa a concordância nominal na fala de moradores de Pedro Leopoldo/MG.

**Palavras-chave:** concordância nominal; ausência; presença; sociolinguística.

**ABSTRACT:** *The Portuguese language in Brazil presents gender bending mechanisms, number and person; according to traditional grammar, the syntax agreement makes certain words harmonize in their push-ups, with the words that depend on the sentence. According Cunha & Cintra (1985), the nominal agreement occurs when there is harmony of words with the nouns to which they are linked, however, beside the presence of nominal agreement number, to the Portuguese spoken in Brazil is where such agreement stops be done - that is, the PB, there is evidence of the absence of a nominal number agreement, which has been the subject of studies sociolinguistic. Among which we can highlight the: Scherre (1996) analyzes data from Rio de Janeiro / RJ; Carvalho (1997) that seeks to verify the agreement number in the SN in the language spoken in the urban area of Rio Branco, Acre; Andrade (2003) analyzes data from informants Shark, South of Santa Catarina and São Borja, Rio Grande do Sul; Santos (2010) which analyzes the nominal agreement in speaking residents of Pedro Leopoldo / MG.*

**Keywords:** *nominal agreement; absence; presence; sociolinguistics.*

---

\* Doutoranda em Estudos Linguísticos, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos FALE/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – liliasoaresmi@gmail.com

## **Introdução**

Neste estudo, apresentamos resultados de estudos sociolinguísticos realizados em diversos lugares no Brasil, esses estudos analisaram a variável linguística constituída pela ausência e pela presença de concordância entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal (SN) no português falado no Brasil, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994) e, ainda, em estudos de BRAGA (1977) e SCHERRE (1988, 1996), que analisam a concordância nominal no PB. A partir desses estudos, assumimos que a variável linguística objeto da análise aqui proposta é condicionada por grupos de fatores linguísticos (elemento nuclear do SN: posição, elemento nuclear do SN: classe gramatical; elemento não-nuclear do SN: posição, elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de flexão de plural) e fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade e grupo social). A análise orienta-se pelas seguintes hipóteses: (i) os moradores de Pedro Leopoldo usam mais frequentemente o SN constituído de elementos entre os quais se verifica ausência de concordância (ACN) do que o SN constituído de elementos que se harmonizam em relação ao número; (ii) na fala dessa comunidade, a variável em estudo apresenta características que evidenciam uma mudança em progresso nos termos de Labov (1972). Considerando essas hipóteses, realizamos uma análise quantitativa de um corpus de língua falada constituído por dados extraídos de 27 (vinte e sete) entrevistas sociolinguísticas realizadas utilizando-se uma amostra composta de pessoas de três diferentes grupos sociais (classes alta, média e baixa) e distribuídas em três faixas etárias (jovem, de 17 a 23 anos; adulto, de 40 a 47 anos; idoso, acima de 60 anos). Esses informantes foram selecionados considerando-se, também, diferentes níveis de escolaridade: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

### **1 A Teoria da Variação e Mudança Linguística**

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança, surge a partir da década 1960, com os estudos de Labov e de Weinreich, Labov & Herzog (1968), visando descrever a variação e mudança linguística, levando em conta o contexto

social de produção, procurando observar o uso da língua dentro de uma comunidade de fala – “membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 1972, p. 192) –, e usando um modo de análise quantitativo dos dados obtidos, baseado na fala espontânea dos membros da comunidade em estudo; ou seja, do vernáculo – estilo em que o mínimo de atenção é prestado, pelo falante, no momento da fala, conforme Labov (1972, p. 208).

Rompendo com correntes anteriores (Estruturalismo e Gerativismo), que analisavam a língua como uma estrutura homogênea, resultante da aplicação de regras categóricas, passível de ser estudada fora de seu contexto social, esse novo modelo teórico-metodológico permitiu uma nova abordagem, mostrando a variação sistemática motivada por pressões sociais e linguísticas e postulando que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico.

Assim, a partir dessa nova forma de análise, Labov mostrou a possibilidade de se analisar e de se descrever o uso das variáveis linguísticas pelos indivíduos, em uma determinada comunidade de fala, e mostrou, também, que é a heterogeneidade, governada por regras variáveis, que permite ao sistema linguístico manter-se em funcionamento mesmo nos períodos de mudança linguística.

Em termos metodológicos, a Sociolinguística Variacionista busca descrever e explicar o processo de variação e mudança, considerando os fatores estruturais ou linguísticos e os fatores não-estruturais ou extralinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, etc.), identificando fatores que influenciam a escolha de uma ou outra variante e mostrando que a regularidade da variação é sistemática e governada por um conjunto de regras não categóricas, mas variáveis. Nessa perspectiva, a língua é constituída por um conjunto de fenômenos não estritamente linguísticos, mas também extralinguísticos, que participam ativamente da aplicação de uma regra, favorecendo-a ou desfavorecendo-a.

Nesse construto teórico, para Labov, uma regra variável deve apresentar frequência expressiva de uso e se modelar à inferência de fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando que as formas linguísticas alternantes são chamadas de variantes; ou seja, as diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto

e com o mesmo valor de verdade, ou com o mesmo sentido referencial. Segundo Labov (1972), para um fenômeno ser considerado variável, há dois requisitos: manutenção de significado e possibilidade de ocorrência em um mesmo contexto. A Sociolinguística, assim, abriu novas perspectivas para o estudo histórico, operando com o conceito de mudança em progresso e procurando sistematizá-lo. Essa mudança se divide em dois eixos: tempo aparente e tempo real.

## 2 A regra de concordância nominal

O português falado no Brasil apresenta certas características linguísticas marcantes nas diversas regiões do País que contraria a divisão regional proposta por diversos autores. É perceptível e comprovada na literatura linguística brasileira essa diversidade. Diversos estudos sociolinguísticos e dialetológicos comprovam que até em uma mesma região, em se tratando da língua, há diversidades que incluem marcas sintáticas, morfossintáticas, fonéticas e lexicais. Nos aspectos morfossintáticos registrados em estudos sociolinguísticos realizados sobre o português do Brasil é possível identificar marcas específicas da fala em diversas regiões brasileiras. Nesses estudos sociolinguistas, a regra de concordância nominal entre os elementos flexionais do sintagma nominal é tratada como uma regra variável; ou seja, uma regra que ora se aplica, ora deixa de se aplicar, em decorrência de atuação (positiva ou negativa) de determinados grupos de fatores. Entre esses grupos de fatores, três, de caráter linguístico, têm se mostrado importantes:

- 1) A posição linear que o elemento *ocupa* no SN (ex: **primeira posição** – *as perna toda marcada*; **segunda posição** – *todas as casas*);
- 2) A classe gramatical do elemento (ex.: **substantivo** – *problemas assim maiores*; **quantificador** – *todos os anos*); e
- 3) A natureza das marcas precedentes (ex: **numerais** – *passou QUINZE dias, passou QUINZE dias, ele foi lá no bar*; **presença de marca formal na primeira posição** – *porque ele traziam BOIS mais bravo.*)

## 3 Resultados de estudos sociolinguísticos realizados em diversos lugares no Brasil

Apresentaremos os resultados de pesquisas já concluídas sobre a concordância de número nos SNs em várias localidades do Brasil e trataremos dentre esses do estudo realizado na cidade de Pedro Leopoldo/MG. Scherre (1996), Carvalho (1997), Andrade (2003); Wagner (2004); Santos (2010).

Scherre realizou diversos estudos sobre a concordância nominal no PB. Destacamos, aqui, aquele que analisa dados do Rio de Janeiro/RJ e trata da — influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português; nesse trabalho, a autora analisa esse fenômeno arregimentando contribuições de vários autores: Cedegrem (1973) e Poplack (1980), no Espanhol; Braga (1977) e Guy (1981b), no PB, com amostras de fala, considerando que as marcas formais de plural podem ser encontradas:

1 – em todos os elementos do SN (*os nossos direitos, os meus pais; essas coisas todas*);

2 – em alguns de seus elementos (*essas coisas toda, do meus colegas; as condições financeira*);

3 – em apenas um de seus elementos (*as perna tem feita, aquelas empada bem grandinha, essas coisa toda*);

4 – em SNs sem nenhuma marca formal explícita de plural, exemplo: quando o primeiro elemento é um numeral cardinal (*sete salário mínimo*); e

5 – quando há um SN complexo com carga semântica de plural (*uma porção de peixinho colorido*) que determinaria a marca formal de plural nos elementos do SN encaixado.

As construções analisadas pela referida autora foram extraídas do banco de dados do *Corpus Censo*. Esse banco de dados é constituído por 11.086 (onze mil e oitenta e seis) dados extraídos de entrevistas de 48 (quarenta e oito) falantes adultos.

Scherre (1996), discordando da correlação sugerida por Guy (1981b): (i) todos os elementos antepostos ao núcleo do SN, independente da posição que ocupam no SN, são muito marcados; ou seja, o menor percentual é de 91%; e que; (ii) relativamente aos antepostos, todos os elementos pospostos ao núcleo do SN são menos marcados.

A autora considera que a relação entre a classe gramatical e a posição, em relação aos elementos não-nucleares, deve ser vista por meio da distribuição desses elementos ao redor do núcleo, sem importar nem a classe nem a posição linear, mas sim a distribuição da classe não-nuclear em relação ao centro do SN.

Segundo Scherre, surge uma segunda questão: a posição linear isolada mostra-se importante apenas com relação aos elementos nucleares do SN. Isso é interessante, à medida que é possível verificar-se que: 1) as categorias substantivadas se comportam, em termos de hierarquia, da mesma forma que os próprios substantivos, ou seja, são mais marcados na terceira do que na segunda posição; e 2) os pronomes pessoais, embora apresentem percentagens de marcas de plural mais altas do que os substantivos evidenciam, como aqueles, maior número de marcas na primeira do que na segunda posição. Assim, ela propõe transformar esses dois fatores em um só, denominado “relação entre os elementos do SN”. Dessa análise, conclui que:

- 1) as classes não-nucleares antepostas são mais marcadas do que as pospostas; ou seja, não é o adjetivo que é pouco marcado, mas o adjetivo posposto. Nem é o quantificador que é muito marcado, mas o quantificador anteposto, razão pela qual, segundo Scherre, afirmar que a primeira posição do SN é mais marcada não é, portanto, adequado; e que
- 2) os elementos nucleares não são igualmente marcados em todas as posições: na primeira e na terceira, são sempre mais marcados do que na segunda; dessa forma, ela refuta as conclusões de que o substantivo é uma das classes gramaticais menos marcadas, embora Poplack (1980) já afirmasse que o substantivo tendia a ser mais marcado na primeira posição.

A concordância nominal também é focalizada por Carvalho (1997), que busca verificar se a concordância de número no SN na língua falada, na área urbana de Rio Branco, no Acre, comporta-se como sincronicamente variável. Além disso, busca demonstrar se a oposição presença/ausência de marcas formais de plural nos elementos do SN correlaciona-se com um elenco de variáveis linguísticas: posição do elemento no SN, classe gramatical, marcas precedentes, contexto fonético e fonológico seguinte, assim como saliência fônica, subdividida em três dimensões: processos

morfofonológicos de formação do plural, tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares, números de sílabas dos itens lexicais singulares.

De acordo com os resultados por ela obtidos, a saliência fônica, cujo pressuposto básico é o de que —as formas mais salientes e, por isso mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes. Por outro lado, quanto à dimensão tonicidade, analisada isoladamente, a autora conclui que não é eficaz para refletir a realidade linguística dos fatos, uma vez que os resultados apresentam discrepância entre os índices percentuais e os pesos relativos, indicando, segundo ela, uma má-distribuição dos dados. Quanto à “dimensão número de sílabas do item lexical singular”, a pesquisa corrobora a hipótese de que os itens lexicais com mais de duas sílabas têm mais chance de receber marca de plural do que os dissílabos e os monossílabos. Assim, afirma que o princípio da saliência fônica atua mais fortemente sobre a dimensão “processos morfofonológicos de formação de plural”.

Já o desempenho das variáveis “posição, classe gramatical e marcas precedentes”, de acordo com Carvalho (1997), mostra-se bastante interrelacionado. A variável “posição”, analisada isoladamente, evidencia que a primeira posição é quase categoricamente marcada, ocorrendo um decréscimo muito acentuado na segunda posição, corroborando, assim, hipóteses dos estudos anteriores. A classe gramatical, em relação à posição dos elementos no SN, demonstra que os determinantes são mais marcados nas duas posições, e o processo comparativo entre os adjetivos e substantivos revela que os primeiros são ligeiramente mais marcados que os segundos, nas duas posições.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, Carvalho (1997) verificou que a variável “grau de escolarização” correlaciona-se fortemente com o fenômeno estudado, porquanto à medida que se eleva o grau de escolaridade do informante, mais chance ele tem de aplicar a regra da norma de maior prestígio social. Além disso, constatou que a regra ora estudada funciona de modo consistente em cada subgrupo de informantes, considerando que os percentuais exibidos por esses subgrupos são quase homogêneos. Segundo Carvalho (1997), as raras exceções observadas parecem se explicar pelos diferentes papéis sociais que o informante desempenha na sociedade. A variável “sexo”, de acordo com os resultados, não confirma a hipótese de que as

mulheres se aproximam mais da norma culta do que os homens, uma vez que os homens demonstram maior propensão para o uso das formas consideradas mais corretas do que as mulheres, ressaltando que tal resultado está relacionado, provavelmente, ao engajamento deles no mercado ocupacional.

Esse mesmo assunto foi retomado por Andrade (2003), com a utilização de dados de informantes de Tubarão, sul de Santa Catarina, e de São Borja, Rio Grande do Sul. Os dados desse último município foram extraídos do Banco de Dados de fala do Projeto VARSUL. Ela utilizou dados de 24 informantes, sendo 12 de Tubarão e 12 de São Borja. Os grupos de fatores linguísticos analisados nesse estudo foram: posição elementos no SN, classe gramatical dos elementos, relação com o núcleo do SN, marcas precedentes, processo morfofonológicos de formação de plural, tonicidade dos itens, e graus dos substantivos e adjetivos. Os fatores extralinguísticos, por sua vez, foram idade, nível de escolaridade, sexo e cidade.

Com relação ao cruzamento de posição linear com classe gramatical, Andrade conclui que a primeira posição do SN é um fator que favorece a inserção da marca formal de plural, ocorrendo uma queda brusca em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer, de forma decrescente, a presença de marca formal de plural no SN. Contudo, Andrade aponta uma exceção que contraria sua hipótese, bem como resultados de estudos anteriores: quando a segunda posição é ocupada por artigos e demonstrativos, se favorece mais a aplicação da regra que a primeira posição ocupada por esta mesma classe gramatical (2003, p. 107), ressaltando que isso só ocorre com essa classe gramatical.

Os substantivos na primeira posição favorecem mais a aplicação da regra do que os próprios determinantes na primeira posição, já os adjetivos desfavorecem a aplicação da regra em qualquer posição. Quanto à variável “saliência fônica”, a autora considera que essa foi bastante relevante nesse estudo, uma vez que alguns plurais irregulares favoreceram mais a aplicação da regra do que os plurais regulares.

De acordo com Andrade, a variável extralinguística “escolaridade” foi bastante significativa nesse estudo, concluindo que a presença [s] é, de forma geral, diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes. Quanto à variável sexo, as mulheres marcaram mais o plural do que os homens, na cidade de Tubarão (SC); já em



São Borja (RS), as mulheres e os homens o marcaram igualmente. O grupo de fatores idade não foi relevante neste estudo.

Wagner (2004), partindo dos resultados obtidos em trabalhos anteriores (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996 e ANDRADE, 2003) e utilizando três amostras de textos 1) textos orais informais; 2) textos orais formais; 3) textos escritos de informantes de etnia cabocla de Caçador (SC), faz uma análise do comportamento da concordância nominal de número nesse município. As variáveis linguísticas controladas nesse estudo foram: posição linear, classe gramatical, relação com o núcleo, saliência fônica e tonicidade dos itens; e, as extralinguísticas: sexo, idade, escolaridade.

Para essa autora, quanto à variável relação com o núcleo, em todos os textos, a classe não-nuclear na primeira posição do SN é um fator que favorece a inserção do morfema de número, ocorrendo uma queda brusca em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer, de forma decrescente, a presença de aplicação da regra no SN. A autora ressalta que 88% dos falantes idosos usam os SNs de modo ‘econômico’, ou seja, no máximo dois elementos e com aplicação da regra apenas no primeiro deles. Quanto ao fator ‘classe nuclear 2ª posição’, os resultados das amostras dos textos espontâneos e escritos não foram relevantes, concluindo a pesquisadora que o formalismo escolar não influenciou no percentual dessas amostras, sendo mais marcado em textos não-espontâneos (63%). Relativamente à variável saliência fônica, de acordo com os resultados, os plurais regulares favorecem mais a aplicação da regra do que os plurais irregulares, havendo uma aproximação dos resultados entre os textos orais espontâneos e os escritos. A autora observa, ainda, que a aplicação da regra em textos orais não-espontâneos (69%) contraria sua hipótese, uma vez que ela esperava que, devido ao grau de escolaridade, isso não ocorresse.

Com relação à variável classe gramatical, a autora verifica que, nos sintagmas, houve maior presença de morfema de número nos artigos e demonstrativos indefinidos, concluindo que isso acontece por ocuparem a primeira posição no SN. O substantivo desfavorece a aplicação da regra da variável. Dessa forma, conclui que tanto os substantivos quanto a categoria substantivada têm menos morfemas de número que os determinantes, por aparecerem com maior frequência nas segundas e terceiras posições.

Quanto à variável “sexo”, de acordo com os resultados, a autora conclui que a aplicação da regra não se mostrou significativa, contrariando sua hipótese de que as mulheres marcariam mais, por serem mais sensíveis às formas linguísticas de prestígio. O controle da variável “escolaridade”, nesse estudo, entre os idosos, não se mostrou significativo, ressaltando-se que os informantes de textos orais não-espontâneos mostraram que, mesmo tendo pós-graduação, utilizam-se de um percentual significativo de apagamento de morfema de número nos SNs analisados. Quanto à variável “idade”, Wagner afirma que, ao confrontarem-se os dados dos informantes de textos espontâneos e escritos, verifica-se que não há diferença relativa no percentual, porque o mais novo utiliza-se 21% de não-aplicação da regra e, o mais velho, de 0%, o que corrobora estudos anteriores; ou seja, atesta que a distribuição etária, considerando-se todos os falantes, continua a se mostrar levemente curvilínea.

Enfim, Wagner, ao descrever e analisar textos orais de informantes da etnia cabocla da região de Caçador, Santa Catarina, e ao testar as hipóteses de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003), confirma a sua hipótese de que o meio social influencia a língua materna, reafirmando o que as demais pesquisadoras da área afirmam: a posição linear é um fator muito importante para a concordância nominal, os primeiros elementos da posição no SN são mais favoráveis à aplicação da regra e o posposto ao núcleo do SN apresenta menor retenção de número.

#### **4 Sobre a concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo/MG**

Assumindo que a regra de concordância nominal no PB é variável, Santos (2010) analisa a variação no uso da concordância nominal no PB, utilizando dados da fala de moradores de Pedro Leopoldo/MG e a partir da hipótese de que a ACN entre os elementos do sintagma nominal (SN) é altamente frequente na fala dos moradores dessa comunidade e é condicionada por fatores estruturais e não-estruturais. A variável dependente em estudo constitui-se de duas variantes, as quais são codificadas a seguir:

0 – ausência de concordância nominal:

- (1) (...) ficava conversandu, chingandu as professora, qualquer conversa que tinha eu entrava no meio... (INF.20 REINMJFC)

(2) Outro dia *uns minino marginal*, tia. Até os *marginal* falou com Clarisse. (INF.01MARIFJSA)

1 – presença de concordância nominal:

(3) Hoje em dia sou igual em *todas as matérias*. (INF.10MICAMJMB)

(4) (...) Ah bem, eu já passei por *várias situações, coisas bem engraçadas, coisas mais engraçadas* do tipo... (INF.12RAMOMJMB)

Este estudo tem por objetivo verificar a seguinte hipótese: ao lado da presença de concordância a ACN entre os elementos do SN está ocorrendo na fala dos moradores da cidade mineira de Pedro Leopoldo. Os dados utilizados foram obtidos da fala de informantes, escolhidos aleatoriamente entre os membros da comunidade de Pedro Leopoldo e caracterizados em função de três grupos de fatores não-estruturais: sexo, faixa etária, grupo social e nível de escolaridade. Foram formadas, assim, nove células na amostra, com três informantes em cada uma – totalizando vinte e sete informantes, sendo três jovens – (J) (idade – dezessete a vinte três anos), três adultos – (A) (idade – quarenta a quarenta e sete anos) e três idosos (I) (acima de sessenta anos) –; em cada um desses subgrupos, há três informantes com os seguintes níveis de escolaridade: FUNDAMENTAL (F) – completo ou não; MÉDIO (M) – completo ou não; SUPERIOR (S) – completo ou não. Além disso, pretendo verificar estes mesmos informantes separados quanto ao grupo social, sendo três informantes grupo social alto (A); grupo social médio (B) e três grupo social baixo (C). Além desses grupos, resolvemos incluir o grupo sexo, e este será distribuído como masculino (M) e feminino (F).

Com relação ao perfil social dessa amostra, este estudo considera membros da comunidade de fala informantes:

- nascidos ou que tenha chegado nessa cidade até os 10 (dez) anos de idade;
- que nunca se afastaram desta comunidade por mais de 2 (dois) anos consecutivos; e
- originários de famílias também nascidas na cidade — com exceção dos informantes com idades acima de 60 (sessenta anos).

A atuação profissional dos informantes é a seguinte: entre os jovens, a maioria é estudante, há uma vendedora, um garçom, um empresário e uma dona-de-casa (ressaltamos a dificuldade de encontrar jovens com nível de escolaridade entre analfabeto e a 8ª série, nessa geração); o subgrupo de adultos é constituído por um empresário, donas de casa, professoras em exercício na área urbana, auxiliar de serviços gerais e enfermeira; quanto aos idosos, a maioria dos entrevistados é composta por aposentados das seguintes profissões: professora, enfermeira, encarregada de sessão pessoal, auxiliar de serviços gerais, mestre-de-obras e dona-de-casa.

Das entrevistas realizadas com os 27 informantes selecionados em função das hipóteses específicas relacionadas a fatores extralinguísticos, extraiu-se 1.461 dados, que, após serem analisados qualitativamente, foram submetidos a uma análise quantitativa por meio do programa VARBRUL. De acordo com os resultados dessa análise, a ACN ocorre em 759 casos (o que corresponde a 52% do total dos dados analisados), confirmando, dessa forma, a hipótese que norteia esse trabalho.

Em relação aos fatores extralinguísticos, todos, com exceção do grupo faixa etária, mostram-se relevantes para a explicação da ACN nos dados analisados. Com base nos resultados, concluiu-se que, no grupo de fatores sexo, o fator masculino favorece altamente (.66) a ACN, e o fator feminino a desfavorece (.44), contrariando a sua hipótese de que as mulheres não são tão sensíveis à forma linguística padrão e corroborando o que defendem Labov (1984) e Paiva (1992), isto é, a sensibilidade das mulheres diante da forma linguística padrão. Diante desse resultado, verificou-se se as mulheres jovens, devido ao ambiente social, poderiam usar mais a variável não-padrão (ACN) do que os homens jovens. Porém, essa hipótese também não se confirmou, porque tanto as mulheres jovens quanto os homens jovens usam a variável na mesma proporção, com uma pequena diferença entre as mulheres adultas (11%) e as mulheres idosas, de 12% a mais.

Quanto ao grupo de fatores “nível de escolaridade”, os resultados demonstram que os falantes com o nível de escolaridade fundamental (completo ou não) apresentaram PR de .70, seguidos, imediatamente, dos falantes com o nível de escolaridade médio (completo ou não) (.66), que empregam mais frequentemente a ausência de concordância nominal do que os falantes do nível de escolaridade superior

(completos ou não) (.26), corroborando nossa hipótese de que o nível de escolaridade exerce influência na preferência pela ACN.

O grupo de fatores “grupo social” apresenta resultados surpreendentes; a princípio, a hipótese de que a ACN é mais presente entre os falantes do grupo social baixo (C) se confirma, com um resultado em PR de (.67). Contudo, os resultados apontados pelos grupos social médio (.34) e alto (.45), ou seja, a ordem C>B>A surpreendeu a autora que procedeu ao cruzamento desse grupo com o de escolaridade. Assim, verificou-se que os resultados, em percentuais, apresentados pelo grupo de fatores social alto e médio em relação ao nível de escolaridade superior se equivalem; porém, os resultados percentuais desses dois grupos sociais, quando comparados com os resultados de falantes do nível de escolaridade fundamental, apresentam uma diferença altíssima: o primeiro, com 80%, e, o segundo, com 33%, apontando, dessa forma, para uma possível causa dessa mudança na ordem decrescente esperada, de C>B>A para C>A>B.

### **Considerações finais**

Concluimos que, diante do registro dos trabalhos apresentados acima, é possível observar que o fenômeno da variação de concordância de número no PB não está restrito a uma região específica e que há estudos similares, relativos a outras línguas, realizados em outros países. Apesar de considerarem os mesmos fatores linguísticos; ou seja – posição linear, classe gramatical e marcas precedentes –, esses estudos apresentam conclusões diversas. Assim, para melhor compreensão dos fatos que representam inovação no Português do Brasil, é de suma importância o estudo dessa variação na fala de membros de comunidades além das já pesquisadas.

Com relação às variáveis linguísticas, pelos dados analisados e pelas comparações estabelecidas nessas pesquisas, percebe-se que a conclusão é única, ou seja, as autoras acima supracitadas concluíram que:

[...] não há apenas uma tendência forte em direção a garantir a informação de plural no primeiro elemento do SN, como também uma redução significativa das flexões nominais nos demais elementos. Isso decorre do fato de que uma única marca de flexão de plural é suficiente, tanto para o informante garantir a informação de

pluralidade em sua mensagem, quanto para o interlocutor compreender o enunciado. (SANTOS, 2010, p. 99)

## Referências

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ANDRADE, L. M. *Rupturas e contínuos da Concordância Nominal de número em textos orais de Informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina USSC, Tubarão, 2003.
- BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1977.
- CARVALHO, R. C. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, Campinas, 1997.
- GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. PhD Dissertation, mimeo.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1987.
- NICOLAU, E. M. das D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. 1984. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 1984.
- POPLACK, S. *The notion of the plural in Puerto Rico Spanish; competing constraints on /s/ deletion*. In: LABOV, W (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.
- SANTOS, L. S. M. *Sobre a ausência de concordância nominal de número no português falado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais: uma abordagem variacionista*. 2010. (Dissertação Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- SCHERRE M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. RJ: Tempo Brasileiro, 1996.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. In: Lehman & Malkiel (ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.